



VIOLÊNCIA

Ataque a escola no PR mata aluna de 17 anos

Karoline Alves cursava o ensino médio e foi baleada por um ex-aluno do colégio. Crimes desse tipo deixaram seis mortos neste ano

» ISABEL DOURADO*

Henrique Campinha/AFP



Policiais fazem a perícia no Colégio Estadual Profª Helena Kolody, em Cambé, alvo do quinto ataque a escolas, neste ano, no Brasil. O agressor foi preso

Uma estudante de 17 anos morreu, na manhã de ontem, em um ataque a tiros em uma escola de Cambé, a 15km de Londrina, no Paraná. A jovem foi socorrida pelo Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu), mas não resistiu. Karoline Verri Alves cursava o terceiro ano do ensino médio. O namorado dela, Luan Augusto, de 16 anos, que também estuda na escola, foi baleado na cabeça e levado para o Hospital Universitário de Londrina, onde respira com ajuda de aparelhos. O estado de saúde dele é considerado gravíssimo. O Colégio Estadual Professora Helena Kolody tem 41 turmas dos ensinos fundamental e médio, com cerca de 800 alunos matriculados.

De acordo com a Secretaria de Segurança Pública do Paraná, o autor dos disparos é um ex-aluno de 21 anos, que foi preso e transferido para Londrina. Ele entrou no colégio alegando que iria solicitar o histórico escolar na secretaria. Karoline foi a sexta pessoa a morrer dentro de uma escola, neste ano, nesse tipo de ocorrência (veja quadro ao lado).

O presidente Lula, por meio das redes sociais, condenou o ataque e lamentou o ocorrido. “Mais uma jovem vida tirada pelo ódio e a violência que não podemos mais tolerar dentro das nossas escolas e na sociedade”, escreveu.

O governador Carlos Massa Ratinho Junior decretou luto oficial de três dias no estado. Ele também lamentou a tragédia e prestou solidariedade às famílias. “A violência do brutal ataque em uma escola estadual em Cambé causa indignação e pesar. O assassino foi preso, será julgado e condenado pelo crime bárbaro que cometeu”, postou Ratinho Jr. em suas redes sociais. Em abril deste ano, o governador anunciou o reforço de 5,6 mil policiais para fazer rondas nas proximidades das escolas estaduais.

O ministro da Justiça e Segurança Pública, Flávio Dino, lamentou o ataque e também se solidarizou com as famílias das



É necessário que os pais estejam mais atentos ao comportamento e à conduta de rotina dos filhos, fiscalizando redes sociais, celulares, grupos que têm frequentado e, acima de tudo, prezando pela interação constante com eles*

Berlinque Cantelmo, advogado

vítimas. Dino alertou que a apologia à violência está ficando comum na sociedade. “Nós vemos sociedades em que a violência é alvo de apologia, e as vítimas aí estão. As estatísticas de ataques às escolas nos Estados Unidos mostram que esse não é um exemplo para o nosso país”, frisou Dino, em um evento no Rio de Janeiro.

O vice-presidente da República, Geraldo Alckmin, também lamentou mais esse caso de violência. “Neste momento de dor, transmito meus sentimentos e orações aos familiares da vítima e à comunidade escolar cambense”, escreveu.

“Nós vamos ser implacáveis com todas as determinações do presidente para garantir tranquilidade, numa parceria com estados e municípios brasileiros. É lamentável esse episódio ter acontecido”, declarou o ministro da Educação, Camilo Santana.

Reprodução/Redes Sociais



Karoline Verri Alves, 17 anos, cursava o 3º ano do ensino médio

Extremismo

Segundo um estudo da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), entre janeiro de 2002 e maio de 2023, 36 pessoas foram mortas em ataques às escolas. O balanço não inclui o caso de ontem. O estudo apontou que, de

2002 até 2021, aconteceram, em média, três ataques por ano.

Na avaliação do advogado e especialista em Segurança Pública Berlinque Cantelmo, há um aumento do acesso a discursos extremistas no Brasil e que é fundamental que os responsáveis estejam atentos ao comportamento dos filhos. “Atribui-se a repetição e aumento de casos desse tipo ao processo de propagação da violência e de informações rasas por meio das redes sociais, aumento do acesso a discursos extremos e polarizados que têm dominado cognitivamente crianças e jovens.”

“É necessário que os pais estejam mais atentos ao comportamento e à conduta de rotina dos filhos, fiscalizando redes sociais, telefones celulares, grupos que têm frequentado e, acima de tudo, prezando pela interação constante com eles”, complementou.

Ataques em 2023

Escola Estadual Thomazia Montoro (SP) — 27/3

Um adolescente de 13 anos esfaqueou quatro professoras e um aluno dentro da escola, que fica na zona oeste da capital paulista. A professora Elisabeth Tenreiro, de 71 anos, morreu. O agressor, do 8º ano do ensino fundamental, foi apreendido.

Creche Cantinho Bom Pastor (SC) — 5/4

Em Blumenau, quatro crianças morreram no ataque, três meninos e uma menina, com idades entre 4 e 7 anos. O agressor, um homem de 25 anos, entrou na creche armado com uma machadinha. Segundo os bombeiros, o agressor pulou o muro e atingiu as vítimas de forma aleatória. Ele se entregou à polícia.

Instituto Adventista de Manaus (AM) — 10/4

Dois estudantes e uma professora ficaram feridos após um aluno promover um ataque à escola, na capital amazonense. O agressor é um adolescente, que foi apreendido portando armas brancas e um coquetel molotov.

Escola Estadual Doutor Marcos Aurélio (GO) — 11/4

Um aluno de 13 anos entrou armado com uma faca na escola pública onde estuda, em Santa Tereza de Goiás, e feriu duas estudantes sem gravidade. O adolescente foi contido por uma professora, apreendido e colocado à disposição da Justiça.

PODCAST DO CORREIO

Uma voz no STJ contra o preconceito às trans

» NATÁLIA PERONICO*

A vivência de pessoas transexuais foi o assunto da entrevista do *Podcast do Correio*, com o ministro do Superior Tribunal de Justiça (STJ) Sebastião Reis Júnior. O magistrado falou sobre como se inspirou para escrever novo livro — *Trans Lúcida* —, que reúne fotografias, poesias, depoimentos, artigos e contos sobre pessoas trans.

Após receber um convite do Instituto de Defesa do Direito de Defesa, IDD, há cerca de cinco anos, para visitar um presídio com o objetivo de ouvir as queixas das presas, o ministro passou uma manhã inteira conversando com mulheres transexuais, um momento que, segundo ele, foi muito “tocante”.

O ministro contou como o

projeto se estendeu de apenas pautar a vivência de mulheres trans encarceradas para falar sobre a vida das pessoas em si. O livro conta com a participação de vários colaboradores, dentre eles, a presidente do STJ, Maria Thereza de Assis Moura, e o ministro Rogério Schietti. O ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Luís Roberto Barroso, a deputada federal Erika Hilton (PSol/SP) e a cartunista Laerte também participaram da edição. O principal pensamento de Reis era assegurar a diversidade dentro da obra e, segundo ele, todos ficaram “muito felizes” em participar.

Reis reforça a importância de chamar a atenção para o assunto. Revelou que o presídio que visitou, o Centro de Detenção Provisória de Pinheiros (CDP),

Correio Braziliense/Reprodução



em São Paulo, é uma unidade prisional masculina, mas que encontrou celas específicas para as presas trans e que, apesar da superlotação, havia uma grande organização interna, e que as presas, em geral, se sentiam respeitadas lá dentro.

“Uma grande reclamação geral é que a maioria delas fazia tratamento hormonal fora e, quando foram presas, tiveram que suspender, já que, no presídio, não há condições de dar o atendimento necessário. E isso afeta a saúde emocional



A única verdade absoluta é que a pessoa trans é tratada com um preconceito injustificado*

Sebastião Reis Júnior, ministro do STJ

delas”, disse o ministro.

Outros assuntos foram as diversas formas de violência que essa população sofre e a falta de dados para compreender a dimensão exata do problema. O ministro apontou que, sem um sistema único de

informações, não só sobre a população trans, mas sobre a população em geral, diminui a possibilidade de implementação de políticas públicas específicas. Também contribui para descredibilizar essas populações e propagar fake news.

Tema delicado

O ministro disse que, assim como há pessoas preconceituosas dentro na sociedade, há também dentro do Judiciário. O livro, para o autor, abre uma boa possibilidade de discussão do tema — uma repercussão que tende a ser ainda maior pelo cargo que ocupa. Reis reforça que esse é um assunto delicado e que o livro procura deixar claro que a preocupação maior deve ser com quem essas pessoas são de verdade.

“A única verdade absoluta é que a pessoa trans é tratada com um preconceito injustificado” concluiu Sebastião Reis.

*Estagiárias sob a supervisão de Vinicius Doria